

Editorial / Editorial

Vivemos um cenário global marcado por crises sistêmicas que se aprofundam, desde a eclosão de novos conflitos à aceleração da devastação ecológica, à persistência de guerras imperialistas-coloniais e às abissais desigualdades sociais, as abordagens convencionais das Relações Internacionais revelam frequentemente suas limitações. A análise focada em atores estatais racionais ou em ideais de cooperação liberal mostra-se insuficiente para captar as forças estruturais que movem a história.

Diante desse quadro, a revista Tensões Mundiais – cujo objetivo é difundir estudos teóricos e empíricos sobre as nações, entidades que legitimam o Estado moderno, as instituições multilaterais e a “comunidade internacional” – dedica uma edição dupla ao tema “Marxismo e Relações Internacionais”. Nosso intuito é retomar e reavaliar à luz dos desafios contemporâneos uma tradição teórica que coloca as contradições do modo de produção capitalista no centro da análise do sistema mundial. O dossiê, longe de buscar um marxismo monolítico, explora sua diversidade interna e sua capacidade de adaptação para decifrar as complexidades do século XXI.

Para organizar este vasto panorama, as contribuições foram divididas em duas edições complementares. A edição 46, “Fundamentos Teóricos e Históricos”, se aprofunda nos debates conceituais e nos processos de longa duração que formaram nossa modernidade. Já a edição 47, “Análises Contemporâneas”, aplica essas lentes a estudos de caso e dinâmicas geopolíticas atuais.

A primeira edição, “Fundamentos Teóricos e Históricos”, inicia com uma reflexão metateórica no ensaio de Laura Palma e Lúcio Costilla, “Filosofía popular y pensamiento crítico en tiempos oscuros”. Os autores exploram as potencialidades do pensamento crítico que emerge fora dos círculos acadêmicos formais, um contraponto necessário em períodos de obscurantismo político e

social. Na sequência, o dossiê mergulha nos debates que buscam posicionar o marxismo dentro da própria disciplina das Relações Internacionais.

Alán Ricardo Rodríguez Orozco traça o percurso histórico através do qual o marxismo e a geopolítica crítica foram gradualmente integrados ao campo das RI nas Américas, superando uma condição de marginalização para se afirmarem como perspectivas legítimas e robustas. O debate teórico é aprofundado por Paulo Bittencourt e Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos, que se debruçam sobre as alternativas teóricas ao realismo de Kenneth Waltz que emergiram no pós-Guerra Fria. A análise se concentra especificamente nas contribuições da abordagem gramsciana, associada a Adam Morton, e da perspectiva trotskista de Justin Rosenberg, destacando a produtividade da discussão entre esses dois autores para o campo marxista contemporâneo.

Buscando expandir o diálogo interdisciplinar, Eduardo Tomankiewicz Secchi propõe uma articulação inovadora entre a teoria dos dois níveis de Robert Putnam e a abordagem poulantiana do Estado. Utilizando a Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio como estudo de caso, o autor investiga como a análise das frações de classe domésticas, tanto no Brasil quanto na Europa, pode enriquecer os modelos de análise de política externa. Rafael Vieira da Silva, em seu artigo, oferece uma visão panorâmica das contribuições marxistas para os estudos do regionalismo, argumentando que a principal força dessa perspectiva reside em sua capacidade de conectar os fenômenos da integração regional e da globalização às dinâmicas estruturais do capitalismo que os interligam.

Fechando este bloco de discussões teóricas, Kelvin Araújo Dias questiona a ausência de uma Teoria Internacional Queer Marxista e explora o potencial desta vertente para a disciplina. Em um texto de caráter fundacional, o artigo problematiza a instituição da família como pilar do heteropatriarcado capitalista e analisa criticamente o uso imperialista dos discursos de direitos humanos, abrindo um novo e necessário campo de investigação.

Um conjunto de artigos se dedica a análises histórico-estruturais que elucidam os fundamentos da ordem internacional capitalista.

Luiz Guilherme de Oliveira e Marco Antonio Meneses Silva retrocedem à Revolução Industrial para analisar a ascensão da burguesia no norte da Inglaterra. Adotando uma perspectiva que combina estruturalismo e marxismo, os autores examinam como a acumulação de riqueza e a implementação de políticas liberais serviram para mitigar conflitos de classe, consolidando um novo bloco histórico e transformando o Estado britânico em um agente central na formação de uma ordem hegemônica doméstica e internacional.

Na sequência, Carlos Landim e Reginaldo Nasser oferecem uma releitura crítica da nova ordem colonial estabelecida após a Primeira Guerra Mundial. O artigo desafia a narrativa tradicional que associa o internacionalismo wilsoniano à autodeterminação dos povos, argumentando que a Liga das Nações, por meio do Sistema de Mandatos, na verdade consolidou novas formas de dominação sobre as nações periféricas, mascarando práticas opressivas sob um discurso emancipatório que também visava conter o avanço do internacionalismo socialista.

Trazendo a análise das estruturas de poder para o presente, Luciana Ghiotto e Carla Poth investigam a agenda de “coerência regulatória” promovida por organismos internacionais. As autoras sustentam que a homogeneização das regulamentações estatais em escala global é um processo central para a acumulação de capital, pois acelera a circulação de mercadorias ao reduzir custos e tempos administrativos, revelando o caráter contraditório do Estado contemporâneo, que atua simultaneamente como regulador nacional e facilitador do capital transnacional.

Construído sobre essas bases, a segunda edição, “Análises Contemporâneas”, volta-se para a aplicação do referencial marxista a fenômenos geopolíticos e dinâmicas regionais atuais.

Iniciamos com a entrevista feita por Mônica Dias Martins com Charlie Thame, em que o professor analisa o imperialismo na sub-região do Grande Mekong por meio de um olhar marxista, destacando que sua essência é econômica (drenagem de riqueza

via trocas desiguais), não apenas político-militar. Thame revitaliza o conceito de subimperialismo (de Ruy Mauro Marini) para explicar como países semiperiféricos como a Tailândia, embora subordinados globalmente, exploram economias vizinhas (Laos, Camboja, Mianmar) para resolver contradições internas. Sua pesquisa revela que conglomerados tailandeses e vietnamitas são os principais beneficiários da integração regional, aprofundando desigualdades e reforça a centralidade da relação capital-trabalho nas Relações Internacionais e a relevância do subimperialismo para entender dinâmicas de exploração no século XXI.

Olivia Bulla, aborda a guerra de narrativas que teve a China como pivô durante a pandemia de covid-19. O estudo utiliza este caso para explorar como o pensamento marxista pode ser adaptado para analisar as realidades geopolíticas e econômicas contemporâneas, em um contexto de profunda crise epistemológica e metodológica no campo das RI.

Abordando um dos conflitos mais agudos da atualidade, Luiza Ferreira Odorissi analisa a luta e a resistência palestina contra a ofensiva israelense em Gaza. Por meio do materialismo histórico de Antonio Negri e do conceito de “multidão”, a autora busca compreender a potência dos coletivos como sujeitos político-sociais insurgentes e contra-hegemônicos, capazes de construir novas subjetividades baseadas no “comum”. A análise se volta para dilemas internos da própria esquerda.

Boaventura Monjane examina a conjuntura de Moçambique, um país de forte tradição marxista-leninista. O artigo investiga a recente ascensão de um levante juvenil ideologicamente eclético, questionando o futuro da política econômica e externa do país e o possível regresso ou ruptura definitiva com sua herança socialista pós-independência.

Um bloco significativo de artigos nesta segunda edição dedicase à América Latina.

Ana Penido e Suzeley Kalil reconstruem a trajetória de Hugo Chávez desde sua atuação nos quartéis até a presidência da Venezuela. Combinando revisão de literatura e entrevistas, as autoras argumentam que a figura de Chávez é exemplar para a discussão sobre a esquerda militar e o papel do indivíduo na

história, conforme teorizado por autores como Quartim de Moraes e Plekhanov. Daniel Lemos Jeziorni aborda uma contradição central para a região, mostrando como o capital pode se transformar em crise ecológica. O trabalho demonstra a relevância do marxismo para chegar à raiz desta crise e lança provocações sobre a encruzilhada em que se encontram as economias latino-americanas, cujos Estados aprofundam um padrão de reprodução baseado no neoextrativismo.

Com foco no Brasil, João Montenegro da Silva Pereira Reis investiga os fatores que levaram à abertura do setor de energia a partir de 2016. A hipótese central é que tal liberalização resultou de uma perda de autonomia relativa do Estado após o impeachment de Dilma Rousseff, e o autor descreve casos de “porta-giratória” que ilustram a articulação entre capitalistas e agentes políticos em prol dessa agenda.

Finalmente, Gabriel de Siqueira Gil oferece uma análise materialista do desenvolvimento do turismo internacional. O artigo promove uma interpretação do fenômeno no modo de produção capitalista e discorre sobre os desafios para a crítica da economia política do turismo na atual etapa da acumulação em escala mundial, inserindo-o nas dinâmicas de dependência e desenvolvimento desigual.

Em seu conjunto, os artigos, o ensaio e a entrevista reunidos nesta edição temática demonstram não apenas a persistente relevância, mas também a vitalidade intelectual do marxismo como ferramenta para a análise internacional. O fio condutor é uma recusa compartilhada em aceitar as aparências do mundo político como dadas, buscando, em vez disso, suas determinações materiais, históricas e sociais. Ao mesmo tempo, o dossiê evidencia um saudável pluralismo interno, com perspectivas gramscianas, leninistas, trotskistas, poulantzianas, autonomistas e queer, entre outras, que dialogam e disputam entre si, enriquecendo o diagnóstico do presente.

As contribuições aqui apresentadas não buscam oferecer respostas definitivas ou um novo dogma. Pelo contrário, seu valor reside em afiar os instrumentos analíticos necessários para compreender as raízes estruturais das crises contemporâneas,

reafirmando a tarefa da teoria crítica não como a de prover soluções prescritivas, mas como a de formular as questões fundamentais sobre a constituição de nosso tempo e as condições materiais para a possibilidade de um futuro distinto.

Convidamos, assim, nossos leitores a um exercício intelectual que vai além da simples assimilação de conteúdo. O engajamento demandado pela teoria marxista constitui, em sua essência, uma forma de práxis, na qual a leitura crítica recusa a mera interpretação do mundo e suas opressões para se dedicar à busca incessante pelos instrumentos conceituais de sua transformação. Deste modo, os artigos, o ensaio e a entrevista que integram o dossiê não se propõem como soluções definitivas, e sim como caminhos; não como conclusão, mas como fundamento para um novo começo. Esperamos que, ao dialogar com as múltiplas e por vezes divergentes perspectivas aqui reunidas, cada leitor possa afiar seu próprio olhar analítico para decifrar as complexas tensões do presente e, a partir delas, interrogar os horizontes do porvir.

Boa leitura!

Ana Prestes
Fábio Sobral
Gustavo Guerreiro
Moara Crivelente
Rita Coitinho